

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELENO MARQUES DE ARAÚJO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELENO MARQUES DE ARAÚJO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Eleno Marques de Araújo
Elisângela Maura Catarino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia [recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Eleno Marques de Araújo, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-390-3

DOI 10.22533/at.ed.903201609

1. Filosofia. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Araújo, Eleno Marques de. III. Catarino, Elisângela Maura.
CDD 100

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Há três métodos para ganhar sabedoria: primeiro, por reflexão, que é o mais nobre; segundo, por imitação, que é o mais fácil; e terceiro, por experiência, que é o mais amargo”. (Confúcio)

Caríssimos leitores, fazemos chegar até vocês o livro – Reflexões sobre Temas e Questões em Áreas afins à Filosofia. Uma obra que reúne textos de autores de vários estados e instituições do Brasil, que tem como foco promover o diálogo e a reflexão filosófica. A leitura filosófica é viva e contempla em seu arcabouço temas como: virtude, verdade, democracia, emancipação, política, racionalismo, normalização, humanidade, liberdade entre outros.

A obra é composta por 11 trabalhos que materializam estudos que foram desenvolvidos em contextos diversos e que colocam no centro das discussões, o intercruzamento de teóricos e temas que são ricos e caros para Filosofia e para Ciências Humanas de modo geral. Entre eles podemos citar: Adorno – educação emancipadora; Karel Kosik – e a dialética concreta; Freire e Nietzsche – com a transversalização da educação bancária; Foucault – exercício de si, entre outros.

Nos textos desta obra, a “linguagem é vazada em metáforas e retóricas, e é dessa forma heterogênea, que a escrita filosófica lança mão, conscientemente ou não”¹. Com isso, a obra, acaba sendo um convite à emersão ao mundo do conhecimento e da sabedoria, perpassados pelos ‘discursos’, ‘reflexões’ e ‘questões’ filosóficas.

Diante o exposto, desejamos a todos vocês uma excelente leitura.

Dr. Marcelo Máximo Purificação

Dr. Eleno Marques de Araújo

Dra Elisângela Maura Catarino.

1. COSTA, G. G. A escrita filosófica e o drama do conhecimento em Platão. Miolo Archai 11-1, indd, 2013,p.11.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A TEORIA CRÍTICA DA ESCOLA DE FRANKFURT E A EDUCAÇÃO EMANCIPADORA EM ADORNO	
Jonathan Junges	
Everton Silva Silveira	
Tiago Anderson Brutti	
DOI 10.22533/at.ed.9032016091	
CAPÍTULO 2	8
A CRISE DA VERDADE NA NEGAÇÃO DE OUTREM: TESE E ANTÍTESE NOS ARGUMENTOS ARISTOTÉLICOS DA ESCRAVIDÃO NATURAL, E SEUS POSSÍVEIS RESQUÍCIOS NA ATUAL DEMOCRACIA	
Wanderson Carlos Lisboa Maia	
DOI 10.22533/at.ed.9032016092	
CAPÍTULO 3	18
A DIALÉTICA DA TOTALIDADE CONCRETA DE KAREL KOSIK	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.9032016093	
CAPÍTULO 4	32
A RELAÇÃO DO ARTIVISMO COMO ANTI-ESTRUTURA EM TURNER E ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA EM FOUCAULT, NUMA CONCEPÇÃO DE ARTE CONTRA O ESTADO; ROMPENDO COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS RÉPRESENTATIVOS E INSTITUCIONAIS QUE CARREGAM CONSIGO O PROBLEMA DO RECONHECIMENTO E A FALTA DX OUTRX NA RESISTÊNCIA CONTRA O ESTADO	
Bartira Dias de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.9032016094	
CAPÍTULO 5	45
A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA DIFERENÇA: REFLEXÕES SOBRE POLÍTICAS INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO E SUAS PRÁTICAS DE GOVERNO	
Sandra Cristina Moraes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9032016095	
CAPÍTULO 6	59
FREIRE, NIETZSCHE E A TRANSVALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BANCÁRIA	
Pablo Michel Barcelos Pereira	
Williams Ferreira Portela	
Marcelo Peres Geremias	
DOI 10.22533/at.ed.9032016096	
CAPÍTULO 7	66
MICHEL FOUCAULT E O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO: O COABITAR PROBLEMAS COMO UM EXERCÍCIO DE SI	
Daniel Salésio Vandresen	
DOI 10.22533/at.ed.9032016097	

CAPÍTULO 8	77
FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA UBUNTU: AFRO-PERSPECTIVAS E O HUMANISMO AFRICANO Kellison Lima Cavalcante DOI 10.22533/at.ed.9032016098	
CAPÍTULO 9	86
MATERIALISMO HISTÓRICO: O PROBLEMA DA NECESSIDADE E CONTINGÊNCIA Lutiero Cardoso Esswein DOI 10.22533/at.ed.9032016099	
CAPÍTULO 10	95
NOTA SOBRE A CRIAÇÃO FILOSÓFICA NA SOCIOPOÉTICA – ALGUNS CRUZAMENTOS INTERCULTURAIS Jacques Gauthier DOI 10.22533/at.ed.90320160910	
CAPÍTULO 11	108
RANCIÈRE E A EFICÁCIA POLÍTICA DA LITERALIDADE Joelson Silva de Araújo DOI 10.22533/at.ed.90320160911	
SOBRE OS ORGANIZADORES	114
ÍNDICE REMISSIVO	116

CAPÍTULO 4

A RELAÇÃO DO ARTIVISMO COMO ANTI-ESTRUTURA EM TURNER E ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA EM FOUCAULT, NUMA CONCEPÇÃO DE ARTE CONTRA O ESTADO; ROMPENDO COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS REPRESENTATIVOS E INSTITUCIONAIS QUE CARREGAM CONSIGO O PROBLEMA DO RECONHECIMENTO E A FALTA DO OUTRO NA RESISTÊNCIA CONTRA O ESTADO

Data de aceite: 01/09/2020

Bartira Dias de Albuquerque

Universidade Federal do Ceará (UFC)
<http://lattes.cnpq.br/4308733582542251>

RESUMO: Objetivo neste artigo pensar acerca do Artivismo político de indivíduos e coletivos autônomos, independentes, como uma *antiestrutura* em Turner (1974), no que diz respeito à ruptura que estes fazem tanto com a sociedade, como com as formas tradicionais de se fazer arte e política (institucionalizadas, delimitadas por reivindicações pautadas na representatividade e no reconhecimento através do Estado), relacionando à reflexão que Foucault (2006) traz em torno da estética da existência, ligada ao cuidado de si, para ampliar a percepção de vida, produzindo subjetividades dadas por suas diferenças e resistências, dentro de uma análise não representativa da arte, ou seja, uma arte contra o Estado que reflito através da análise feita por Els Lagrou (2012). A partir de uma pesquisa tanto bibliográfica quanto autobiográfica, por meio das minhas experiências estéticas e atuações em movimentos sociais feministas e anarquistas, penso acerca do conceito de *antiestrutura* em Turner (1974), quando coletivos políticos, bem como indivíduos autônomos independentes, lançam mão da arte, para manifestar suas inquietações, provocando a sociedade sobre as questões políticas das quais querem tratar. Tais pessoas e coletivos rompem tanto com a sociedade em termos rituais

(TURNER, 1974), para mostrarem sua crise e intensificá-la, como com os grupos políticos institucionais (já que as ações de movimentos sociais independentes estão mais preocupados com um processo que garantam e ampliem a percepção da vida e da liberdade do que a alguma representatividade política), tornando visível suas fissuras, trazendo um novo desfecho para a sociedade, que são modos de vida *antiestrutura*. Resultando em uma reflexão sobre a arte enquanto resistência, pertinente a visão perspectivista de arte (CASTRO, 2004) que a expande para uma luta contra o Estado, indo além do reconhecimento e da representatividade.

PALAVRAS-CHAVE: Artivismo. Representatividade. Antiestrutura. Resistência. Estética da Existência.

THE RELATION OF ARTIVISM AS ANTI-STRUCTURE IN TURNER AND AESTHETICS OF THE EXISTENCE IN FOUCAULT, IN A CONCEPTION OF ART AGAINST THE STATE; BREAKING AWAY FROM REPRESENTATIVE AND INSTITUTIONAL SOCIAL MOVEMENTS WHICH CARRY WITH THEM THE PROBLEM OF RECOGNITION AND THE ABSENCE OF THE OTHER IN THE RESISTANCE AGAINST THE STATE

ABSTRACT: This article aims to reflect upon the political Artivism of autonomous, independent individuals and collectives, as an antistructure in Turner (1974), concerning the rupture they make with society and with the traditional ways of making art and politics (institutionalized, delimited by demands based on representativeness and

recognition through the State). I reflect through the analysis made by Els Lagrou (2011), relating to the reflection that Foucault (2006) brings about the aesthetics of existence, linked to self-care, to expand the perception of life, producing subjectivities given by their differences and resistances, within a non-representative analysis of art, that is, art against the State. From both bibliographic and autobiographical research, through my aesthetic experiences and performances in feminist, anarchist social movements, I think of the concept of antistructure in Turner (1974), when political collectives, as well as independent, autonomous individuals, make use of art to express their concerns, provoking society on the political issues they want to address. Such people and collectives break away from both society in ritual terms (TURNER, 1974), to expose their crisis and intensify it, and from institutional political groups (since the actions of independent social movements are more concerned with a process that guarantees and broadens the perception of life and freedom than with any political representativeness), making their cracks visible, bringing a new outcome to society, which are antistructural ways of life. This results in a reflection on art as resistance, pertinent to the perspectivist view of art (CASTRO, 2004), which expands it to a fight against the State, going beyond recognition and representativeness.

KEYWORDS: Artivism. Representativeness. Antistructure. Resistance. Aesthetics of Existence.

1 | INTRODUÇÃO

Artivismo é um neologismo conceptual ainda de instável consensualidade quer no campo das ciências sociais, quer no campo das artes. Apela a ligações, tão clássicas como prolixas e polémicas entre arte e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas (...). A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. *Artivismo* consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística – nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística. (Paulo Raposo, 2015, p.5).

O artivismo é uma conjugação entre arte e resistência, vivenciada por muitos coletivos artísticos e/ou políticos atualmente, que ligam territórios como protestos e manifestações, com a arte. Traz consigo uma ruptura nos modos de fazer arte, bem como nos modos de fazer política e transitam entre a construção de um mundo novo através de novas existências, resistindo à padrões estabelecidos, numa preocupação política, que acolhe diferentes modos de vida, embora, traga certas limitações em torno de lutas mais audaciosas que promovam uma transformação social. Faz da arte resistência ao que está imposto como norma na sociedade capitalista: usa da estética para pensar eticamente, uma sociedade livre do consumismo, do racismo, do machismo, enfim, para tratar questões negligenciadas pela sociedade capitalista. Ele lida com a arte em sua dimensão política, como explicita

Raposo (2015, p.5) “cruza os territórios do protesto social, procurando visibilidade artística das situações sociais politicamente significantes.”

Fazendo esta reflexão, esboço o olhar em torno da arte artivística, do qual quero salientar, organizando este artigo em dois momentos: No primeiro, relato dados históricos sobre lutas sociais antiEstado que se utilizavam da arte como ação política, servindo de inspiração para alguns movimentos sociais no Brasil, como no ELAS (Escola de Arte Subversiva), coletivo estudado por mim que é trabalhado neste artigo. Trago neste item, etnograficamente, a experiência em pesquisa autobiográfica com o ELAS, conduzindo o problema central do artigo, que é pensar o artivismo a partir da relação do conceito de antiestrutura em Turner (1974) e da estética da existência em Foucault (2006), na medida em que as proposições artísticas do ELAS, trazem consigo rupturas relativas aos padrões estabelecidos nas relações sociais, se empenhando em definir atitudes que desenvolvam um olhar diferenciado acerca da liberdade, na construção ética do sujeito.

No segundo momento, destaco a relação destas experiências bibliográficas e autobiográficas como práticas artísticas que tencionam saberes instituídos como familiar e natural, atuando de forma provocativa, questionando modos de fazer arte e política, tratando a vida como obra de arte, compondo um espaço de ritual que se firma numa antiestrutura, em que a arte contra o Estado (Els Lagrou, 2012) seja capaz de produzir sujeitos livres. Tal noção está ligada à reflexão sobre o perspectivismo ameríndio de Castro (2004) e à sociedade contra o Estado em Clastres (2004). A seguir, um breve histórico do que vem a ser modos de fazer resistência política através de provocações artísticas.

2 | ARTE-PROVOCAÇÃO: DOS ANOS 60 AOS DIAS ATUAIS. ETNOGRAFIA AUTOBIOGRÁFICA COM O GRUPO ELAS

Penso que se deve preservar o que se produziu nos anos sessenta e no início dos anos setenta. Uma das coisas que deve-se preservar, a meu ver, é a existência, fora do programa normal dos grandes partidos políticos, de certa forma de inovação política, de criação política, de experimentação política. É um fato que a vida cotidiana das pessoas mudou entre o início dos anos sessenta e este momento. (FOUCAULT, 1994, vol. IV, p. 743)

Para Foucault, preocupado em resistir às relações de poder, em busca de uma estética da existência capaz de pensar a vida como algo que se dê prazer, cujo propósito seja de alcance comunitário e um lugar de confluência entre ética, política e estética; a vida pressupõe liberdade, admiração, é necessidade de existência que se compõe na percepção do real. Preservar as lutas e resistências da década de 1960 e 1970, do qual trata Foucault (1994), é preservar as lutas que não estão engajadas numa política tradicional, partidária e ideológica, que procura conduzir as massas, como se possuísse a verdade nas mãos para induzir um caminho, isto para o filósofo é estéril. Experimentar um modo de fazer

política, uma política que se insere no exercício da liberdade, é o que pressupõe o autor, e isto só se torna possível quando desejo e realidade se aproximam, e desfamiliarizamos o olhar tanto para com nós mesmos, como quanto para os regimes de verdade que se apresentam em nossa sociedade. É necessário um trabalho ético em que vida e verdade estejam relacionados.

Na década de 60, vários movimentos de contracultura começam a surgir pela Europa e Estados Unidos, dentre eles alguns de cunho anarquista como o *Provos'* (fundado por Robert Jasper Grootveld, Roel Van Duyn, Rob Stolk), movimento holandês anti-fumo, *provocador*, que fazia ações não violentas e também ações diretas, com uso de linguagens artísticas, hoje muito semelhantes às intervenções urbanas e performances, e que já naquela época questionava os males à saúde global e ambiental dados pelo desenvolvimento capitalista.

Exemplo muito conhecido do uso da arte como resistência política deste momento, é a proposição das bicicletas brancas, que fazia a crítica contra a sociedade do automóvel e da propriedade privada. Inúmeras bicicletas foram levadas às ruas de Amsterdã, onde qualquer pessoa poderia fazer uso delas como meio de transporte. Neste mesmo período, na Holanda, houve os *kraker*, que ocupavam lugares abandonados e pintavam as portas de branco para dizer que as casas já estavam ocupadas, bem como para se prevenir de ações policiais violentas. Faziam barricadas, jogavam pedras e coquetéis Molotov em suas manifestações. Estes grupos inspiraram os *squatters*² na década de 1980, na Alemanha, e deram origem aos *black block*.

Ainda nos anos 1960, houve inúmeros movimentos artísticos, performances e *happenings*, trazendo questões sociais dadas pelo contexto pós-guerra. Houve o Fluxus (Estados Unidos, Europa, Japão), Joseph Beuys (Alemanha), Flávio de Carvalho (Brasil), Carolee Schneemann (Estados Unidos), Adryan Piper (Estados Unidos), Yoko Ono (Japão), Ana Mendieta (Cuba) etc. Inúmeras mulheres artistas a questionar a sexualidade, o patriarcado e o racismo, fazendo uso da arte para dar visibilidade às desigualdades e injustiças sociais e de gênero. Artistas de diversos lugares, passaram a fazer uso do corpo como principal ferramenta de expansão das suas principais questões. Este corpo passou a se apresentar em diversos lugares e de diferentes maneiras, extrapolando as fronteiras da arte e da política.

Desde a década de 1960, vemos muito fortemente o uso da arte como potência revolucionária e ativista que inspirou muitos movimentos sociais pelas décadas de 1970, 1980 e 1990 até os dias atuais, com os coletivos libertários e anarquistas. Tais movimentos se inspiravam no “faça você mesmo” e buscavam, principalmente, os grupos anarquistas e feministas, ter uma coerência política, entre o pensar, saber e agir.

Vale ressaltar na pesquisa, o meu destaque para xs artistas e coletivos das artes

1. *Provos: Amsterdam e o nascimento da contracultura*. Matteo Guarnaccia. São Paulo: Conrad. 2010

2. <https://docplayer.com.br/6214423-Urbana-subversao-a-pratica-squatter-no-brasil-cleber-rudy.html>

visuais, já que o grupo que será trabalhado para pensar as questões aqui colocadas, se insere neste espaço. Porém, sabemos que o ativismo se situa em várias linguagens artísticas como música, literatura, cinema, dentre outras. No Brasil, essa modalidade sofreu inúmeras influências que o antecederam, e vão desde Flávio de Carvalho (1956), passando pelo parangolé de Hélio Oiticica (1960), o Teatro Oficina (1960), Márcia X (1980), chegando aos artistas e coletivos artísticos, que traziam questões políticas e dissidentes nos anos 1990 e 2000 como os movimentos de *squatters*, que embora não sendo grupos de arte, faziam inúmeras proposições e intervenções políticas através de diversas linguagens estéticas, como performance, circo, música, literatura (zines), grafite, lambes, etc, e que aconteceram em Curitiba, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Natal, Brasília, Fortaleza (alguns nomes destas okupas são o Teimosia, Bosque, Flor do Asfalto, Casa de las pombas, Toren, dentre outros), e artistas e coletivos como Pedra Costa, Coiote, Jota Mombaça, Massa Crítica, Aparecidos Políticos, Curto Circuito, PARE (Provocação Artística Ritual Experimental) e o ELAS (Escola Livre de Arte Subversiva) do qual me adentro com maior profundidade no presente trabalho para discutir acerca do ativismo dentro de uma perspectiva filosófica e antropológica.

Resolvi lançar mão da autobiografia neste procedimento etnográfico e bibliográfico, pois como se remete Alcides Gussy (2005),

Ao exercitar esta prática, o antropólogo enuncia sua condição na pesquisa de campo, assim como o processo de produção do conhecimento, tecendo considerações sobre como ele se modifica e é modificado pela pesquisa, numa perspectiva autobiográfica (p.180).

No processo etnográfico e autobiográfico podemos ter uma reflexão acerca de um contexto social, cultural e histórico, através de histórias delineadas pela oralidade, que sempre foi muito presente na cultura popular: o saber através da voz, da pele, do olhar, das vivências dadas pelo o que se vê, o que se conta e o que se ouve e aprende a partir disso. Desenvolvo a autobiografia que parte de uma experiência, ao mesmo tempo pessoal e coletiva, deixando meus rastros delineados nas práticas artísticas com o ELAS.

A Escola Livre de Arte Subversiva teve sua construção em Brasília, a partir de vivências que convergiam em viagens de bicicleta, comunidades indígenas, squatters anarquistas, espaços urbanos³ trabalhando meios de resistência que buscassem eticamente uma coerência entre vida e pensamento, unindo conhecimento e prática. Em 2008, o ELAS migrou para Fortaleza, onde realizaram várias ações artísticas e ativistas até 2013.

Deste modo, o ELAS se reunia com seus membros à distância, ou presencialmente, trazia reflexões em torno da sociedade capitalista e de como combatê-la, visando subjetividades éticas, antifascistas. A partir de conversas, as ideias surgiam, o movimento

3. ARTE, RESISTÊNCIA E EDUCAÇÃO: CARTOGRAFIAS DAS AÇÕES DO MOVIMENTO ELAS (ESCOLA LIVRE DE ARTE SUBVERSIVA) NA CIDADE DE FORTALEZA. ALBUQUERQUE, B.D., 2013. http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8707/1/2013_dis_bdalbuquerque.pdf

se ampliava para ações cotidianas, intervenções urbanas e performances, sem muitos gastos, com linguagens simples e práticas subversivas, que iam desde sair uma só pessoa, com uma cartolina preta pintada, escrita em tinta branca, a frase: “Indignai-vos”, fazendo referência a primavera árabe, andando pelas ruas de Fortaleza em horários de *pico*, a fazer ações em praça pública, numa espécie de *happening*, com a intervenção “multiplicador”, que acontecia semanalmente, e consistia de colocar grandes lençóis brancos no chão da Praça do Ferreira, centro de Fortaleza, substituindo suas pedras por lençóis, onde ao invés de pisar o chão, as pessoas eram levadas a sentarem, para escrever suas indignações em panos brancos. Finalizando numa releitura da obra “Divisor” da artista Lygia Pape (1968), em que, através de um grande lençol, branco e limpo, as pessoas se cobrem expondo apenas as cabeças para cima. Em “multiplicador”, se cobriu com os diversos lençóis emendados, os corpos das pessoas, expondo suas cabeças com máscaras brancas. A obra se tornou um grande tapetão para acampados indignados na Praça do Ferreira, além disso ele foi usado em outras manifestações políticas (ALBUQUERQUE, B.D, 2013).

Expondo algumas das ações do coletivo, em que eu participei, tanto enquanto artista como pesquisadora, pude perceber o exercício do saber no ELAS, produzindo caminhos estéticos que provocavam indagações à respeito das relações de poderes regidos pelo sistema capitalista, e buscando com isso produzir desejos, enunciando corpos indignados, desnaturalizando os padrões da sociedade, até mesmo no saber sobre artes e movimentos políticos. Há dentro do ativismo a dimensão inventiva do poder, captando a um só tempo a recusa, o enfrentamento e o processo de produção, composição e criação.

Quando uma pessoa é capaz de sair sozinha pelas ruas, se manifestando com uma frase convidativa, entre o preto e branco, que se remetia à primavera árabe⁴, noticiadas pelos jornais da época, ela está de algum modo trazendo potência ao corpo e a ação, deslocando o olhar cotidiano, numa performance extracotidiana (TURNER, 1974), que modifica o espaço de passagem, leva as pessoas a olharem para algo que nunca viram, enquanto vão ao trabalho ou voltam para suas casas. Tal performance emite um desejo de mudança da realidade, assim como vontade liberta e corpo livre, em risco, numa coragem de verdade (Foucault, 2009).

Através da proposição “Varixs Unxs” e “multiplicador” do ELAS, adentro no olhar antropológico em Turner (1974), que diferente do funcionalismo, não está evocando sistemas, mas buscando perceber como o ser humano lida com os sistemas a partir do conflito, da mudança, da ruptura, para assim pensar a liberdade, a emoção, o *communitas*, um certo espaço de igualdade. Há o que se denomina de *antiestrutura*, para se marcar o momento em que o ritual se coloca numa outra condição social, através da liminaridade, da margem dos ritos, ambiente transitório que movimenta a vida social, onde xs sujeitxs se

4. Onda de manifestações que aconteceram no Oriente médio e no norte da África no ano de 2010, iniciando na Tunísia, quando um jovem atea fogo no próprio corpo em protesto por melhores condições de vida. <https://outraspalavras.net/sem-categoria/arabes-desbravam-uma-nova-democracia/>

encontram sem uma posição definida, seja de classe, raça e/ou gênero, o que poderia ser classificado como morte social, implicando até mesmo num momento em que todos estão no mesmo grau de “igualdade”. A partir de então, pode haver a noção de comunidade, resultando numa *antiestrutura communitas*, produzindo sujeitos liminares, que partilham de uma experiência comum, se diferenciando da estrutura social dominante.

Há na ação “multiplicador” do ELAS, uma ruptura com o cotidiano da praça do Ferreira, que dimensiona a crise vivenciada no contexto político de 2012, intensificando uma crise e contribuindo para uma ação reparadora e um desfecho artístico, que culminou em manifestações de transeuntes daquele meio, acarretando em manifestações maiores, trazendo discussões em relação ao contexto vivido naquele ano, e que compôs novos modos de fazer arte e política, trazidos para o interior de uma praça, que historicamente sempre presenciou grandes manifestações tanto artísticas quanto políticas.

O agenciamento do ELAS, naquele ambiente, reflete o drama social em Turner (1974) pensado a partir de Van Genep (1909) que identifica quatro momentos: Ruptura, Crise, Intensificação da crise, desfecho ou ação reparadora, podendo culminar em *antiestrutura*. O ELAS compactua deste processo ritual, a medida em que se desvia da estrutura, promovendo certa ruptura com o ambiente em que se manifesta e o tensiona, detectando elementos aparentemente invisíveis naquele local ou nos sujeitos, suscitando e acompanhando os movimentos surpreendentes da vida social (DAWSEY, p.165, 2005).

Parecia que no coletivo estudado, a resistência ao sistema consistia em sentir-se livre, e para que isso fosse capaz, era necessário romper com as relações de poder, ter presente o contrapoder (FOUCAULT, 2009). Enquanto poderes agem por estratificação, administração, seleção, divisão, a resistência se faz por desterritorialização, linhas de fuga, confrontação, recusa, multiplicação (DELEUZE; GUATTARI, 2010). E, nos momentos que vivenciei o ELAS, nos desterritorializamos e vivenciamos um fluxo de ação própria e não de reação, como se dá em boa parte das manifestações políticas. Nos preparamos para um possível ataque e não para algo previsível estabelecido pela não aceitação de algum decreto, lei, violência machista dada e determinada pelo Estado.

Este modo novo de produzir conhecimento como antiestrutura nas artes e nos movimentos políticos tradicionais, traz a percepção saber-fazer, como fator principal e a vontade livre de se exercer mudanças individuais e coletivas. Ali, não havia ninguém com uma verdade estabelecida querendo conduzir as massas, havia problemas vivenciados num contexto social e pensados individualmente.

É válido acrescentar que o conceito de antiestrutura está ligado às relações sociais e não a uma posição territorial. Artistas, profetas, movimentos religiosos e sociais, bem como práticas artísticas, carregam consigo uma potência de mudar padrões e estruturas sociais, trazendo para a sociedade novas possibilidades de viver, outros conhecimentos, compondo existências outras e desafiando o que é tido como normal. Podendo acarretar em condição liminar efetiva e duradoura, já que sua existência se coloca em condição

de suspensão e indefinição, opondo-se à posições sociais e acionando momentos de liberdade, pois as práticas de muitos artistas e movimentos anarquistas e até mesmo rituais religiosos, à exemplo, buscam um olhar para si, e desta forma, retorna ao outro, compondo novas regras do existir e estilos de vida capazes de promover resistência às relações de poder e dominação.

A partir desta concepção pode-se precaver o que Foucault (2006) estabelece como estética da existência, capaz de proporcionar um olhar para si que se localiza na arte e não sob uma ótica mercadológica. Assim como Turner (1974) coloca o conflito enquanto sujeito na antropologia, Foucault o traz para a relação de poder, que age para além da consciência, atingindo todo o corpo. Ambos atribuem ao sujeito uma ação produtora de subjetividades, capaz de afetar a realidade imposta, desnaturalizando-a.

Apesar de partirem de perspectivas diferentes, os autores direcionam o olhar para o que pode modificar a sociedade. De um lado o ritual possibilita uma antiestrutura que provoca um novo olhar sobre o meio, podendo ocasionar mudanças efêmeras ou duradouras nas relações sociais, dando novos sentidos à vida através de rupturas com a estrutura social vigente, capaz de viver sob outras regras e condições sociais que impulsionam transformações, conduzindo à práticas de liberdade.

De outro lado, a estética da existência em Foucault, nos remete ao cuidado de si, que experimenta momentos de liberdade, na medida em que o olhar dx sujeitx volta para si, ocupando-se de sua força vital desejante para afetar a si mesmo, sentir-se para além das atividades que x sucumbe, que faz o sujeito esquecer de si. E, quando nos deslocamos de um processo de subjetivação normativa para olharmos dentro de nós, experimentamos uma confrontação com a nossa atual condição, que nos amplia o olhar e o cuidado que temos sobre x outrx.

As práticas de si para poder cuidar do outro, para organizarem suas resistências e conhecerem a si, depois do movimento e da experimentação de si com x outrx, vão compondo um modo de vida potente que vai sendo construído no coletivo ELAS. Buscam trazer para si uma função crítica, para além do “conhecer a ti mesmo”, usado pela igreja em seu ascetismo, que renuncia o corpo e o limita a um fardo, diferente da Grécia de Platão e de Sócrates em que a ascese enfatiza o cuidado de si, com práticas que permita desenvolver artes do viver e ter domínio sobre o próprio corpo, como situa Foucault. Não é um conhecer para se governar, mas é antes uma prática de si, para ser livre, um sujeito que traz para si uma função de luta, curativa, terapêutica, e que traga para o corpo uma subjetividade dona de si mesma, que se experimenta antes de interpretar.

3 | ARTE CONTRA O ESTADO

O ativismo se exige público, se vale em sua contemporaneidade pelo seu teor político e ético, por sua preocupação com o social. Assim, alguns coletivos anarquistas

trazem um modo de agir politicamente, que usam da arte para assumirem a vida na própria pele. Isto se aproxima muito das análises feitas por Eduardo Viveiros de Castro (2004), no perspectivismo ameríndio, e da abordagem dada por Els Lagrou (2012), através de Clastres, na arte contra o Estado, ao pesquisar a etnia Kaxinawa, no Acre.

Para Eduardo Viveiros de Castro, o perspectivismo ameríndio parte do pressuposto de que para algumas etnias na América do sul, e outras do norte, tendo até mesmo visões semelhantes em alguns lugares da Ásia, como Sibéria e Mongólia, “tudo” se torna gente, a pele é fabricável, e há uma realidade para diferentes corpos. Este modo de ver e experimentar o mundo é bem diferente do que vivemos nas sociedades ocidentais, do multiculturalismo, do relativismo cultural, do objetivismo, enfim, das formas ocidentais de ver o mundo.

Ao invés de multiculturalismo, temos o multinaturalismo, ao invés de uma visão evolucionista, em que as espécies evoluem até chegarem ao ser humano, temos entres os ameríndios, exatamente o contrário: humanos é que deixam de ser humanos, viram plantas, pássaros. O perspectivismo não trabalha com dicotomias, permitindo uma infundável variedade de discursos. Faz uma correlação entre o universo das visões e o da performance ritual ou plástica, é uma saída para as dicotomias. Não se trata de pontos de vista, mas de mundos reais.

Ao analisar o perspectivismo e arte contra o Estado em Els Lagrou (2012) de uma sociedade contra o Estado, primeiro veremos que os ameríndios eram caracterizados por muitos teóricos como ateus, devido suas organizações e de não haver divindades; a mão que Criava era visível, e as leis não eram escritas, eram inscritas na pele, para dar uma ideia de que todos passavam pelo o mesmo ritual, como coloca Seeger (1980). Ninguém questionava os rituais, mesmo os mais agressivos, pois era exatamente ali, que se tinha uma ideia de igualdade. As leis eram marcadas no próprio corpo. A arte produzida entre os indígenas kaxinawa, em seus rostos, e suas cerâmicas, traziam um espírito, uma motivação, e a partir disto, havia uma comunicação com aquele outro também gente, de uma pele fabricável, que por meio de uma arte na sua pele daria para se conectar com o espírito de um outro ser, trazendo ao seu corpo a motivação desse. Suas características e toda a relação que se dava com estx outrx era estabelecido por rituais, performances.

Trago esta perspectiva para a análise acerca do artivismo no ELAS, numa abordagem melhor delineada por Clastres (2004) e Viveiros de Castro (2004), em que podemos falar de ocupar pontos de vistas (CASTRO, 2004), de nos relacionar com outros modos de ver. Como quando Clastres (2004) busca inverter a lógica de Estado, a partir do olhar dxs ameríndixs, sem ser sob a ótica da falta. Ou como melhor explicita Els Lagrou (2012):

A especificidade de um olhar etnológico informado por esta perspectiva reside em não tomar como dada nenhuma definição de arte previamente estabelecida, seja ela estética, interpretativa ou institucional. A definição estética de arte segue critérios formais, enquanto a definição interpretativa

segue critérios de discurso, é a arte aquilo que se produz em diálogo com a história da arte ou que se destaca de alguma maneira do fluxo do cotidiano, enquanto a definição institucional define como arte aquilo que foi reconhecido como tal pelas instituições competentes. (p.747-748).

Assim, a arte estabelecida pelo ativismo do ELAS, é uma arte de “construir corpos que habitam mundos” (LAGROU, 2012), e nestes mundos que etnografo, há corpos fabricáveis, que através da performance e intervenção urbana esboçam seus corpos numa resistência política atravessada pela a arte, em que o saber se configura como modo de vida, “resultando a eficácia estética na capacidade de uma imagem ou forma de agir sobre e, deste modo, criar e transformar o mundo.” (LAGROU, E. 2012, p.748-49).

Assim, há uma conexão com o processo estabelecido pelo ativismo do coletivo ELAS. Primeiro, o grupo busca uma organização horizontal, assim como uma linguagem artística para suas ações na luta contra o Estado, e segundo, toda a luta só pode ser realizada se há coerência com a vida. Não há pedidos por reconhecimento através do Estado, se não há a crença nele. Mas há como conduzir nossas forças para enfraquecê-lo a partir das práticas anticapitalistas.

Vendo deste modo, pude encontrar neste movimento por meio de outras linguagens e modos de vida, uma arte contra o Estado, e isto traz um processo semelhante à antiestrutura em Turner (1974), que rompe com a estrutura dos movimentos sociais tradicionais, ou seja, alguns ativismos dados por coletivos anarquistas, rompem com os movimentos tradicionais dados por sindicatos e partidos políticos e fazem ações diretas. Atravessam estas estruturas e trazem uma característica do drama social em Turner, que se é percebido na organização de certos coletivos. Eles rompem, entram em crise, intensificam crise, e num momento transitório do qual xs sujeitxs se encontram em *liminaridade* (sem posições sociais anteriores), numa solidariedade orgânica, ao invés de retomarem a sociedade com mais força, eles compõem uma antiestrutura dos movimentos sociais. Rompem com seus modos e criam novos, numa luta que não pensam o Estado, nem o retorno social, não pensam inclusão, mas como rastros de monstros (MOMBAÇA, 2016) enfrentam o mundo, compondo formas diferentes de existir, fabricam suas peles e trocam de pele cada vez que provocam a sociedade. Vivem uma deslealdade à norma, se indisciplinam, buscam o fracasso social como linha de fuga e não o bem-sucedido (MOMBAÇA, 2015).

A antiestrutura se associa à reflexão perspectivista, (esta como quase sendo uma *antiestrutura* da objetividade academicista), identificando o ativismo como *antiestrutura* da arte, o modo de performar e intervir do ELAS como uma *antiestrutura* dos movimentos sociais, bem como da maneira científica de *aprender* o mundo, a que estamos habituadxs (ALBUQUERQUE, B. D, 2017). Garantindo-se assim, uma espécie de “ordem social” ou novas regras de existência, ligando ambientes, que se estabelecem através de encontros de lutas e ações políticas e artísticas, une modos de fazer num processo ritual, em espécies de *communitas*, na busca de alcançar x outrx como um/a igual por um meio sem fronteiras,

em que se aprende o corpo que luta, nos protestos coletivos e emergenciais, uma certa “lei escrita no corpo” em que o ritual torna as pessoas umx igual (SEEGGER, 1980) embora tenha sido necessário antes, esculpir diferenças, mostrar inquietações para dimensionar o lugar de luta.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece que este terror todo, acerca da greve dos policiais, vem só pra enfraquecer a greve e toda a sociedade civil. Qual a função policial nesta sociedade em que vivemos? No Brasil vivemos em estado de sítio. Poucos são os crimes que realmente são apurados, não temos segurança nenhuma enquanto cidadãos. As práticas policiais só servem para proteger a propriedade privada e reprimir manifestações, além de todo o sensacionalismo que estas práticas envolvem... reivindicações por mais controle?! Que tal um colapso na economia, para que a luta possa existir para além desta sociedade? (ELAS, 2011)⁵

Acima, relato a fala de uma das integrantes do ELAS, num período em que o mundo vivia sob vários protestos anticapitalistas e o coletivo começou a fazer várias ações de resistência, na cidade de Fortaleza, em plena greve policial. Pus este trecho para expor reflexões do ELAS como movimento anticapitalista. Pois que ativismo do ELAS, de um modo abrangente, transita em um processo de luta que visa uma transformação social, ao mesmo tempo em que se desloca cotidianamente em sua organização e conjuntura política.

Este movimento está constantemente se deslocando nas performances rituais, criando suas resistências, ao mesmo tempo em que pede por ações reparadoras (TURNER, 1974) de si mesmo, quando intensificam suas crises, para assim, possibilitar um desfecho harmonioso ou segregar seu próprio curso em *communitas*, ou fazer da vida, obra de arte.

Os movimentos anarquistas, como coletivos anarco-punk, e alguns grupos artistas como o ELAS, buscam por modos de vida coerentes ao que acreditam, através de trabalhos autônomos (música, teatro, performances, desenhos, literatura, cinema, tatuagem, malabarismo, zines, poesia, comida, tarot), vivências e experiências coletivas, viagens de carona e de bicicleta, moradias coletivas, comunidades urbanas e rurais, e através dos *squatters*, *ações direta*, arte e resistência, fazendo pouco uso do dinheiro, e de estratégias como *manguêio*, *recicle*, agriculturas alternativas, práticas circenses. Com todas estas possibilidades, eles determinam seu tempo, seu espaço, seu modo de vida.

Em cada encontro com o ELAS aprendi a conduzir outras linguagens estéticas que também funcionam para tratar nossas intimidades e nos reunir politicamente de um modo também afetivo. Um voltar-se para si que retorna para x outrx numa preocupação com a

5. A greve policial a que se refere a fala de uma das integrantes do ELAS, está relacionado ao final do ano de 2011, em que além da greve em Fortaleza, o mundo estava num contexto de protestos anticapitalistas, com o Occupy wall street e a Primavera Árabe. Este trecho é retirado em; ALBUQUERQUE, B. D. **Arte, Resistência e Educação**: Cartografias das ações do Movimento ELAS (Escola Livre de Arte Subversiva) na cidade de Fortaleza. Fortaleza: UFC, 2013.

verdade, praticando-se assim uma vida comprometida com o exercício da liberdade em Foucault (2006) que como expus neste artigo se aproxima da antiestrutura em Turner (1974), que se realiza por meio do ritual do drama social, pois nos encontros vivenciados com o ELAS, rompíamos com o cotidiano a fim de nos reinventar coletivamente e individualmente, fortalecendo a luta anticapitalista e antifascista, resultando em obras artísticas, manifestações políticas e em laços de solidariedade, passando de um corpo assujeitado, para um corpo que produz subjetividades, transformador da sua realidade.

Desta maneira, nos recusamos a fazer parte de um jogo de poderes, o repudiamos e assim, o enfoque sai do poder para o sujeito, aprimorando nossas técnicas sobre os corpos. Somos sujeitos que escapam e desmontam as linhas limitantes impostas pelas regras sociais que limitam modos de agir política e artisticamente. Quebramos com ideologia do individualismo possessivo, praticando ações de emancipação por meio de uma existência que se amplia socialmente através do cuidado de si e dx outrx, com coragem e liberdade.

REFERENCIAIS

ALBUQUERQUE, B. D. **Arte, Resistência e Educação**: Cartografias das ações do Movimento ELAS (Escola Livre de Arte Subversiva) na cidade de Fortaleza. Fortaleza: UFC, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

LAGROU, ELS. **A fluidez da forma**: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre). Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

LAGROU, ELS. **Existiria Uma Arte Das Sociedades Contra O Estado?** Revista De Antropologia 54. USP. 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. São Paulo: Graal, 2009.

_____. **Ditos e escritos V**: Ética, sexualidade e Política. In: BARROS, Manoel (Org.). Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2006.

_____. **Do governo dos vivos**: Curso no Collège de France, 1979-1980: aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980 / Michel Foucault; tradução, transcrição e notas Nildo Avelino. – São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.

GUSSI, A. **Pedagogias da experiência no mundo do trabalho**: narrativas biográficas no contexto de mudanças de um banco público estadual. UNICAMP. SP. 2005.

RAPOSO, P. « **“Artivismo”**: articulando dissidências, criando insurgências », *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 4, No 2 | -1, 3-12.

SEEGER, Anthony. **Os Índios e nós**: estudos sobre sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.

_____. **Floresta de Símbolos**: aspectos do ritual Ndembu. Rio de Janeiro: Eduff, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 14, n. 18, p. 225-254, sep. 2004. ISSN 0104-6675.

MOMBAÇA, J. Pode um cu mestiço falar? 2015. <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aristóteles 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 108, 109, 111

B

Biopolítica 45, 54, 55, 56

D

Democracia 5, 8, 15, 37, 77

Dialética 3, 7, 11, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31

E

Educação 10, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 16, 36, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 76, 77, 85, 95, 99, 114, 115

Educação bancária 10, 59, 61, 62, 63

Emancipação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 16, 43, 66, 68, 71, 109

Ensino de filosofia 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 85

Exercício de si 66, 67, 68, 73

F

Filosofia 1, 2, 8, 9, 10, 16, 17, 18, 20, 23, 24, 31, 43, 46, 47, 58, 59, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 94, 95, 101, 107, 114, 115

H

Humanidade 5, 6, 9, 10, 11, 13, 15, 22, 29, 31, 60, 64, 77, 78, 80, 82, 83, 84

I

Inclusão 41, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 72, 100, 101, 105, 115

Interculturalidade 95

N

Normalização 45, 53, 54, 56

P

Política 9, 10, 11, 12, 15, 16, 19, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 42, 43, 49, 71, 76, 81, 82, 84, 87, 91, 94, 108, 109, 111, 113, 115

R

Racionalismo 1, 2, 24

S

Sociopoética 95, 96, 97, 98, 99, 107

T

Tendências pedagógicas 59, 63, 64

Teoria crítica 1

U

Ubuntu 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85

V

Verdade 1, 8, 13, 18, 19, 23, 28, 30, 31, 34, 35, 37, 38, 43, 48, 51, 57, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 98, 109

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br